

**ENTRE LAÇOS E PALAVRAS
O THYMÓS NA POESIA ELEGÍACA
DE MIMNERMO DE CÓLOFON.**

Dulcileide V. do Nascimento (UERJ/ FGV)
dulcinascimento@bol.com.br

Zeus concedeu a Titono²⁰ um infortúnio eterno, a velhice, que é pior do que uma morte funesta.

(Stob. 4.50.68 *Mimnermon Nannoûs*)

Com a poesia lírica se inicia na Grécia uma nova forma de se expressar sentimentos e pensamentos. A subjetividade e a objetividade de um *lógos* que manifesta tanto o mundo exterior, quanto o interior, traz a tona a expressão de uma realidade centrada no EU. As manifestações líricas assumem a forma de elegias, iambos, poesia mélica monódica e coral. Abordaremos, entretanto só a primeira forma de expressão lírica citada, a elegia.

A elegia grega arcaica, surgida na primeira metade do século VII, na Jônia, caracteriza-se pela estrutura dos versos em dísticos elegíacos, pela língua, o jônico, e por ser acompanhada da flauta (*aulós*). A elegia conservou da tradição épica o hexâmetro datílico. Contudo, ela modifica essa tradição ao organizar os versos em dísticos (estrofes de dois versos), combinando nelas o hexâmetro com um pentâmetro, isto é, um verso de cinco dátilos.

²⁰ Filho de Laomedonte e Estrimo, era o irmão mais velho de Príamo, rei de Tróia. Aurora ao apaixonar-se por ele, raptou-o e transportou-o para a Etiópia. Desejando que sua união com Titono fosse eterna, Aurora pediu a Zeus que lhe concedesse a imortalidade, sem lhe pedir, entretanto, a eterna juventude. Titono envelheceu e foi definhando até se tornar impotente e senil e ser transformado em uma cigarra.

LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

Segundo Chantaine o termo *elegeía* é derivado de *éle-gos*, canto de luto que se fazia acompanhar do som da flauta. Toda a poesia lírica, inclusive a elegia, está, portanto, vinculada ao canto, à dança e a composição escrita, levando-nos a crer que o apolíneo e o dionisiaco, conceitos tão presentes no período clássico, estivessem presentes em qualquer expressão da poesia lírica. Tal percepção é reforçada pela análise de Nietzsche (1980, p. 40) ao considerar estas duas forças como princípios antagônicos dos quais havia derivado toda a criação artística grega. Cabe-nos salientar, entretanto que não podemos simplesmente definir elegia a partir de sua temática, pois ela reveste-se de uma diversidade de tons, ora é guerreira e política, ora retrata o subjetivismo peculiar à manifestação lírica.

Dentre os poetas elegíacos, destacamos a obra de Mimnermo, poeta dos fins do século VII²¹, que tem sua origem vinculada à cidade de Cólofon ou de Esmirna. Na verdade, Esmirna foi fundada por Cólofon. O próprio Mimnermo, no fragmento 12, se considera um esmirneu procedente da fundação da cidade por Cólofon:

Depois, abandonando a escarpada cidade de Pilos, feudo de Neleu, chegamos com nossos navios a bela Ásia e nos estabelecemos na formosa Cólofon com um grande exército. Inicialmente, empreendemos o caminho da guerra cruel e, então, afastamos do seu rio, que corre entre os bosques, e tomamos Esmirna, a cidade eólia, por desígnio dos deuses.

Seus poemas, que são todos de tradição indireta, foram selecionados, principalmente, por Estobeu. Quanto ao conteúdo de suas obras, Mimnermo é considerado um poeta que trata da efemeridade da vida, da fugacidade da juventude, da dor do transitório, além de utilizar temas míticos e de histórias recentes em sua poesia, como, por exemplo, a fundação de Esmirna,

²¹ Segundo o Suda, Mimnermo teria nascido na 37^a Olimpíada, entre os anos 632-629 a.C., fato que gerou algumas dúvidas acerca de sua origem, mas que foram descartadas pelo próprio autor, no fragmento 6, e por Sólon, no fragmento 22.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

citada nos versos acima. O poeta ressalta a juventude, o amor e a beleza e despreza a velhice em suas elegias de motivação amorosa, reunidas no livro *Nannó*, como nos mostra o fragmento 5:

Porém, a incomparável juventude é breve como um sonho;
enquanto a terrível e disforme
velhice pende repentinamente sobre nossa cabeça,
odiosa e também desprezada,
ela torna irreconhecível o homem,
e debilita seus olhos e suas mentes ao envolvê-los.

O valor da vida, as relações com o divino e a dependência dos deuses, bem como a expressão de uma pseudovontade humana nortearam a expressão do problema sobre a brevidade e a fugacidade da vida. Os líricos gregos arcaicos perceberam que misteriosamente a vida se transforma e se corrompe através de seu ciclo natural de nascimento e morte, mesmo que seja intensificada por etapas intermediárias. Mímnemo, ao contrário de Homero, não explicita em sua poesia o desejo pela glória e imortalidade do herói, mas enaltece a fase da juventude, como se depois dela a existência física se tornasse uma *biós abiótos* – uma vida sem vida. A poesia elegíaca, representada por Mímnemo, apresenta um cenário diferente daquele apresentado pela epopeia homérica, principalmente no aspecto do subjetivismo e, ao mesmo tempo, por ser um marco de uma busca pela compreensão da essência da natureza humana. Essa consciência da própria individualidade revela a reação do homem diante da diversidade, inclusive de seus sentimentos. Nasce com a poesia lírica a concepção, segundo Safo de que “ para cada um, (o mais belo) é o que se ama.”

Para tentar entender os sentimentos deste *anér thnetós* (homem mortal), analisaremos o significado do *thymós* em Mímnemo, salientando que o ideal homérico de excelência homérica, vinculada à força e ao vigor físicos, ainda era admirado em toda a Grécia, ficando a velhice restrita a uma das mais tristes fases da condição humana. Embora a poesia de

LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

Mimnermo não priorize o Herói, a honra, ou o reconhecimento social, ainda era um alvo a ser alcançado, e o medo do esquecimento era eminente, como nos demonstra o fragmento 3: Quando passa a juventude, nem mesmo um pai, /antes tão formoso, é honrado e amado por seus filhos.

Esses versos de Mimnermo revelam que a vida, como relata Francisco Rodríguez Adrados (1981, p. 10), é uma progressão: Juventude -Belleza- Amor e Velhice-Feiúra-Desprezo são duas tríades temáticas em permanente oposição e claramente evidenciadas no discurso dos poetas elegíacos.

O *thymós*²² é o elemento motivador de ações do ser humano, o ânimo. Este vocábulo, algumas vezes, por se concentrar no peito, é traduzido e confundido com o próprio coração – órgão comumente vinculado às emoções. Outras vezes, é traduzido por alma, fonte de vida e considerado muito mais um efeito dos deuses do que uma característica essencialmente humana. Seja qual for o sentido atribuído a palavra *thymós*, ela

²² A planta tomilho (*thymus* em latim) era denominada assim porque era queimada como incenso. O altar que existia nos teatros gregos era chamado de *thymele*, e *thymos* era a ascensão da fumaça, a queima do incenso, o sacrifício aos deuses – todos eles acontecendo no peito, no altar interno. Significava a aspiração, os cantos de louvor, o espírito e a expressão do amor. Era a alma-sopro da qual dependia a energia do homem e a sua coragem (Diamond, M. D.). Prossequindo a pesquisa nesta direção, encontrei que *thymos* deriva da raiz indo-europeia *dheu*, que significa “acender em chamas”, “surgir em uma nuvem”, “fumar” (de uma pessoa indignada se diz que ela solta fumaça). Em sânscrito o vocábulo era *dhuna*, do qual vêm fumaça e perfume. Na Bíblia, e mais concretamente no Livro dos Reis, se faz também alusão a *thymos* como causa da raiva e da paixão.

Assim, a origem da palavra *timo* remonta à antiga Grécia, e, possivelmente, à civilização indo-europeia. Na Grécia, a palavra “*thymos*” foi utilizada por Platão e seu mestre Sócrates, assim como por Homero. Há indicações de que, para os gregos, *thymos* significava a alma ativa, a alma perecível – diferente da *psyché* ou alma passiva e imortal. Essa alma ativa seria equivalente à razão, à consciência (“awareness”) e estaria associada à respiração (sopro, alma, palavra), ao coração (desejos e intenções) e ao fígado (emoções). In *Timo*, Jose Alvarez Mosig (<http://www.ogrupa.org.br/9-artigos-timo.htm>)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

indica um processo conhecido por nós como entusiasmo, ou força passional de reagir prontamente.

É através desse *thymós* que a celebração ao universal encontrada na epopeia sede lugar à escolha individual. Consciente de sua condição temporária e mortal o homem elegíaco busca uma vida intensa e lamenta o passar dos dias:

Que vida e que prazer existe sem a dourada Afrodite?
Que eu morra quando não mais me importar a
união amorosa secreta,
nem os doces dons, nem o leito, que são as mais amáveis flores da
juventude
para os homens e para as mulheres; pois quando chega a
dolorosa velhice, que deforma o homem formoso,
sempre lhe rondam o pensamento tristes inquietudes
e não se alegra ao completar a luz do sol, mas
é motivo de repulsa para os jovens e de desprezo para as mulhe-
res,
tão triste fez uma divindade a velhice.

O *thýmos* elegíaco também está envolto do sentido do *pathós* existencial, ou seja, o homem não quer ser apático, indiferente diante da vida, mas é esse “toque”, que impulsiona o *thýmos*, e que o direciona à ação. Se a juventude é breve, a vida também o é. A velhice, então, representa o sofrimento, o desamparo e a corrupção inevitável da beleza, algo difícil de ser aceito pelo homem grego, mesmo que arcaico, visto que a estética da forma é supervalorizada na cultura grega, a ponto da morte ser mais desejável que a velhice. Neste sentido, a elegia de Mimnermo repensa o sentido da vida, situando-o na esfera pessoal do prazer erótico, que pela primeira vez e estendido também às mulheres.

Esta poesia, assim como o *thýmos* proveniente dela, gerou uma paixão maior pela vida, exortando que todos aproveitem os prazeres proporcionados por ela, enquanto isto for possível. Ela nos introduz ao âmbito da intimidade pessoal, que não só valoriza a vida como aponta as suas faces, trazendos-nos, principalmente, uma reflexão sobre a brevidade da vida,

LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

além de afirmar, ao contrário da épica, valores da esfera pessoal, particulares, ligados fundamentalmente aos anseios do indivíduo.

A poesia de Mímnermo ressalta, portanto, o direito dos homens de desfrutar os prazeres da vida e inspira, como expressão de vozes individuais, o famoso *carpe diem* dos séculos posteriores, marcando, assim, um estilo de vida,

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRADOS, Francisco Rodríguez. *Líricos griegos*. Elegíacos y yambógrafos arcaicos. Bilíngue. Barcelona: Alma Mater, MCMLVI (Vol. I) y MCMLIX.

———. *Orígenes de la lírica griega*. Madrid: Biblioteca de la Revista de Occidente, 1976.

———. *El mundo de la lírica griega*. Madrid: Alianza, 1981.

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. París, 1968.

LESKY, Albin. *Historia de la literatura griega*. Madrid: Gredos, 1976.

MOSIG, Jose Alvarez. *Timo*. Disponível na página <http://www.ogruppo.org.br/9-artigos-timo.htm>, consultado em 17/08/08.

NIETZSCHE, Friederich. *El nacimiento de la tragedia o Grecia y el pesimismo*. Madrid: Alianza, 1980.